

Emily Brontë
O MONTE DOS VENDAVAIS

Nota sobre o texto	9
Prefácio de Charlotte Brontë à nova edição (1850)	11
O Monte dos Vendavais	17
Bibliografia seleccionada	389



NOTA SOBRE O TEXTO

O Monte dos Vendavais (*Wuthering Heights*) foi publicado pela primeira vez em 1847, com o título de *Wuthering Heights, A Novel* (*O Monte dos Vendavais, Um Romance*) de Ellis Bell, em conjunto com *Agnes Grey*, de Acton Bell (Anne Brontë). Charlotte Brontë (Currer Bell) publicou em 1850 uma nova edição destes dois romances, após as mortes de Emily e Anne. Esta nova edição não só corrigia erros de impressão da edição anterior, como também reorganizava os parágrafos, alterava a pontuação e, por vezes, o próprio texto. A maioria das edições modernas segue este texto «melhorado» de Charlotte. A presente edição inclui ainda o «Prefácio de Charlotte» à edição de 1850, por se tratar de uma fonte fundamental para um melhor conhecimento de Emily Brontë. Se poucos leitores aceitarão modernamente a visão meramente moralista de Charlotte («Heathcliff... se revela sem redenção, trilhando, sem um desvio que seja, a sua rota de perdição»), muitos, porém, concordarão com ela quando afirma que Emily nem sempre é capaz de controlar a sua criatividade, deixando-se arrastar para profundidades por ela insuspeitadas. O texto da presente edição é essencialmente o mesmo da primeira, publicada em 1847. Sem deixar que os dois textos se confundam, optámos pela pontuação e divisão de parágrafos de Emily, não de Charlotte, embora tenhamos naturalmente evitado os inúmeros erros da muito pouco cuidada primeira edição. A edição da Shakespeare Head (Oxford, 1931) recorre ao texto

Emily Brontë

da primeira edição, com os erros corrigidos e algumas emendas introduzidas na edição de 1850. A edição de Mark Schorer (Nova Iorque, 1950) recorre igualmente ao texto de 1847, excepto no tocante a erros óbvios, e preserva em parte, se bem que não na totalidade, a pontuação idiossincrática de Emily. A edição da Penguin (Londres, 1985) reconhece a confluência das duas edições atrás referidas, e é esta a edição de partida da presente tradução.



PREFÁCIO DE CHARLOTTE BRONTË
À NOVA EDIÇÃO (1850) DE
O MONTE DOS VENDAVAIS

A leitura atenta de *O Monte dos Vendavais*, que acabo de fazer, mostrou-me pela primeira vez com suficiente clareza os aspectos que lhe são apontados como defeitos, e que talvez o sejam na realidade, dando-me ao mesmo tempo uma noção bem definida do que o livro representa para os outros leitores – para os leitores estrangeiros que nada sabiam acerca da autora; para os que estão familiarizados com os locais onde a história se desenrola; para aqueles aos olhos dos quais os habitantes, costumes e a geografia dos montes e povoados do Oeste do Yorkshire são algo de estranho e desconhecido.

O Monte dos Vendavais surge sem dúvida aos olhos de todos eles como uma obra chocante e rude. As charnecas inhóspitas do Norte de Inglaterra não podem obviamente despertar o seu interesse; a linguagem, as maneiras, as próprias casas e hábitos domésticos dos habitantes dispersos pela região devem ser em grande parte ininteligíveis para tais leitores e, quando inteligíveis, repulsivos. Homens e mulheres que, serenos por natureza, moderados nos sentimentos e sem traços demasiado vincados de carácter, tenham, provavelmente, sido educados desde o berço na observância das mais recatadas postura e contenção de linguagem, não saberão como interpretar o linguajar forte e duro, as paixões desabridas, os ódios sem tréguas e os rompantes, de aldeões analfabetos e fidalgotes grosseiros criados sem mais cultura ou educação que a que lhes foi

ministrada por mestres tão rudes quanto eles. Como tal, um apreciável número de leitores sentir-se-á agredido pela introdução nas páginas que se seguem de palavras impressas com todas as letras, palavras essas que, por tradição, costumam ser representadas apenas pela primeira e última letras ligadas por um travessão. Devo, contudo, e desde já, afirmar que não é minha intenção pedir desculpa por tal ocorrência, uma vez que eu própria considero judiciosa a escrita de tais palavras por extenso. A prática comum de se dar a entender por letras isoladas todas aquelas imprecações com que as pessoas coléricas e profanas têm por hábito ornamentar o seu discurso afigura-se-me um procedimento fraco e fútil, embora bem-intencionado. Não entendo que benefícios possa trazer, que sentimentos possa poupar, que horrores possa dissimular.

Portanto, e no tocante à rusticidade de *O Monte dos Vendavais*, admito a acusação, pois reconheço-lhe a índole. A obra é rústica de fio a pavio. Bravía, áspera e nodosa como a raiz da urze. E nem poderia ser de outro modo, sendo a sua autora, como é, fruto e produto do urzal. Tivesse a família ido parar à cidade, e os seus escritos, se porventura tivesse chegado a escrever, teriam sem dúvida um carácter bem diferente. Mesmo que, por acaso ou por preferência, tivesse escolhido um assunto semelhante, tê-lo-ia tratado de maneira diversa. Fosse Ellis Bell dama ou cavalheiro acostumado ao que chamamos «a mundanidade», e a sua imagem de um lugar remoto e abandonado, bem como das suas gentes, teria sido bem diferente da imagem divulgada pela rapariga da província. Teria sido sem dúvida mais generalista, mais abrangente. Se isso a teria tornado mais original ou mais autêntica, é difícil de dizer. No tocante aos lugares e às paisagens, teria forçosamente ficado aquém em empatia: as descrições de Ellis Bell não são apenas fruto do prazer de olhar à sua volta; os montes onde cresceu eram para ela muito mais do que um espectáculo; eram a realidade onde vivia e de que se alimentava, tal como o eram os pássaros – os seus moradores – ou a urze – o seu fruto. Assim, as suas descrições das paisagens naturais são o que deviam ser, e tudo aquilo que deviam ser.

Já o mesmo não se passa em relação às suas descrições da natureza humana. Estou pronta a reconhecer que ela tinha pouco mais experiência das gentes que a rodeavam do que uma freira terá dos camponeses que de vez em quando passam à porta do convento. A minha irmã não era gregária por natureza, tendo sido as circunstâncias que propiciaram e acentuaram a sua tendência para a reclusão – excepto para ir à igreja, ou para dar um passeio pelos brejos, raramente transpunha o limiar da porta. Embora a sua atitude fosse benevolente para com os que viviam em redor, nunca procurou relacionar-se com eles, nem, salvo raras excepções, isso aconteceu. E, no entanto, conhecia-os. Conhecia os seus modos, o seu linguajar, as suas sagas familiares – era capaz de ouvir falar deles com interesse e de falar deles pormenorizadamente, com minúcia, rigor e a propósito, mas, *com* eles, raramente trocava uma palavra. Daí que tudo aquilo que a sua mente apreendeu da realidade dessas gentes se tivesse cingido tão só aos traços trágicos e terríveis que a memória mais facilmente retém das histórias ouvidas sobre os anais secretos da vizinhança. A sua imaginação, mais sombria que soalheira, mais recolhida que folgazã, encontrou nesses traços a matéria de onde extraiu um Heathcliff, um Earnshaw, uma Catherine. Ao dar corpo a tais personagens, fê-lo sem saber o que fazia. Se o destinatário do seu trabalho, quando o leu em manuscrito, tivesse estremecido sob o peso torturante de naturezas tão cruéis e implacáveis, de almas tão perdidas e excomungadas, se se tivesse queixado de que a mera audição de algumas cenas era o suficiente, pela sua vividez e ferocidade, para lhe tirar o sono toda a noite e perturbar a paz de espírito todo o dia, Ellis Bell interrogar-se-ia sobre o verdadeiro significado de tal atitude e acusaria o queixoso de pretensiosismo. Tivesse ela vivido mais tempo, e a sua mente teria crescido forte como uma árvore – mais sublime, mais pujante, mais frondosa, e os seus frutos amadurecidos teriam atingido uma maturidade mais plena, um brilho mais resplandecente; porém, numa mente assim só o tempo e a experiência podiam influir, impenetrável que era à influência de outros intelectos.

Tendo reconhecido que de grande parte de *O Monte dos Venda-vais* se desprende o «horror das trevas profundas», que, na sua atmosfera pesada e tempestuosa, carregada de electricidade, nos sentimos amiúde a respirar os próprios raios, deixem-me agora apontar aquelas passagens em que a claridade, se bem que toldada pelas nuvens, e um sol algo eclipsado, atestam mesmo assim a sua presença. Atente-se em Nelly Dean, personagem ilustrativa da benevolência sincera e da fidelidade desprestenciosa; como exemplo de constância e de ternura, atente-se em Edgar Linton. (Haverá quem pense que estas qualidades não se manifestam com tanto brilho num homem como se manifestariam numa mulher, mas Ellis Bell jamais entenderia tal observação: nada a perturbava mais do que a insinuação de que a fidelidade e a clemência, ou a natureza sofredora e afável, virtudes consideradas apanágio das filhas de Eva, se tornassem fraquezas nos filhos de Adão. Para ela, o perdão e a misericórdia são os mais divinos atributos do Grande Ser que fez o homem e a mulher, e aquilo que adorna Deus na Sua glória não pode lançar em desgraça nenhuma forma de humana fragilidade.) Há um certo humor cáustico e saturnino na caracterização do velho Joseph, e a jovem Catherine é animada por pinceladas de graça e vivacidade. Do mesmo modo, também a primeira heroína com esse nome não deixa de ostentar uma estranha beleza na sua crueldade, nem uma certa honestidade a par da mais perversa paixão e da mais apaixonada perversidade.

Na verdade, apenas Heathcliff se revela sem redenção, trilhando, sem um desvio que seja, a sua rota de perdição, desde o momento em que a trouxa é desenrolada no chão e «aquela coisa de pele escura e cabelos pretos, tão negra como se o próprio Diabo a tivesse enviado» surgiu ali, no meio da cozinha, até à hora em que Nelly Dean descobre o cadáver, cínzeo e rígido, jazendo de costas na cama de painéis, de olhos esgazeados que pareciam «zombar do esforço que ela fazia para os fechar, e de boca entreaberta e dentadura branca e afiada arreganhada, igualmente zombeteira».

Vislumbra-se em Heathcliff um único, e solitário, sentimento humano, e esse *não* é o seu amor por Catherine, sentimento que se

revela cruel e desumano – paixão capaz de fervilhar incandescente nas entranhas de qualquer génio maligno, fogo que podia ser o âmago atormentado, a alma condenada de um magnate dos infernos – e que, pela sua insaciável e incomensurável força devastadora, o prende ao cumprimento da sentença que o condena a transportar consigo o Inferno para onde quer que vá. Não, o único elo que liga Heathcliff à humana condição é o respeito rude que confessadamente tem por Hareton Earnshaw – o jovem que ele arruinou; e também a sua estima, algo implícita, por Nelly Dean. Omitidos estes traços solitários, bem se poderia dizer que ele era, não um filho de Lascar, não um cigano, mas uma forma humana animada de sopro demoníaco – um espírito necrófago, um génio do mal, um Afrita.

Se é legítimo, ou aceitável, criar coisas como um Heathcliff, isso não sei, e custa-me a crer que seja. Mas isto eu sei: todo o escritor que alberga em si o dom de criar possui algo que nem sempre comanda – algo que, por estranho que pareça, adquire por vezes vontade e iniciativa próprias. Ele pode até impor-se regras e traçar-se princípios, submeter-se a essas regras e a esses princípios por largos anos talvez. Nisto, sem aviso, sem um sinal de revolta, chega um momento em que essa força não mais o deixa seguir atrás do arado, manter-se ordeiro no trilho, chega um momento em que essa força «escarnece das multidões da cidade, sem se importar com os gritos do condutor» – um momento em que, recusando terminantemente continuar a construir castelos de areia, se vira para a escultura em pedra e nos oferece um Plutão ou um Júpiter, uma Tisífone ou uma Psique, uma Sereia ou uma Madona, segundo mandam os Fados ou a Inspiração. Seja a obra obscura ou gloriosa, sacrílega ou divina, nada mais nos resta que a aceitação passiva. Quanto a ti – artista que lhe dás o nome – o teu quinhão na obra é um trabalho passivo, sob ordens que tu não deste, nem pudeste questionar – que não respondiam ao teu chamado, nem eram anuladas ao sabor dos teus caprichos. Se o resultado for atraente, o Mundo te louvará, a ti, que esse louvor não mereces; se repelente, o mesmo Mundo te condenará, a ti, que tão pouco mereces a condenação.

O Monte dos Vendavais é obra talhada em oficina selvagem, com ferramentas rudimentares, a partir de materiais caseiros. A escultora encontrou um bloco de granito numa charneca solitária e, ao pousar nele os olhos, viu como do penedo se desprendia a cabeça – selvagem, negra, sinistra; uma forma moldada com, pelo menos, um elemento grandioso – o poder. Aplicou-lhe o cinzel, sem outro modelo que não fosse a visão das suas meditações. Com tempo e com trabalho, o penedo adquiriu forma humana, erguendo-se colossal, negro e carrancudo, meio estátua, meio rocha; enquanto estátua, terrível e demoníaco; enquanto rocha, quase belo, nas suas tonalidades esbatidas de cinzentos, nas suas roupagens de musgo do urzal; e a urze, desabrochando em flores e balsâmicas fragrâncias, cresce fiel aos pés do gigante.

CURRER BELL
[Charlotte Brontë]

WUTHERING HEIGHTS

A NOVEL,

BY

ELLIS BELL,

IN THREE VOLUMES.

VOL. I.

LONDON:

THOMAS CAUTLEY NEWBY, PUBLISHER,
72, MORTIMER ST., CAVENDISH SQ.

1847.

∞

Capítulo I

1801 – ACABO DE regressar da visita que fiz ao meu senhorio – o único vizinho que poderá perturbar o meu isolamento. Esta região é sem dúvida magnífica! Sei que não poderia ter encontrado em toda a Inglaterra outro lugar como este, tão retirado, tão distante da mundana agitação. Um paraíso perfeito para misantropos: Mr. Heathcliff e eu próprio formamos a parceria ideal para partilhar esse isolamento. Um tipo formidável, este Heathcliff! Mal ele sabia como eu transbordava de cordialidade quando os seus olhos desconfiados se esconderam sob os cílios, ao ver-me cavalgar na sua direcção, e quando os seus dedos resolutos e ciosos se acotaram mais fundo nos bolsos do colete quando lhe disse o meu nome.

– Estou a falar com Mr. Heathcliff? – perguntei.

Aquiesceu com a cabeça.

– Sou Mr. Lockwood, o seu novo inquilino. Quis ter a honra de vir visitá-lo logo após a minha chegada, para lhe apresentar as minhas desculpas e lhe dizer que espero não o ter importunado de mais com a minha insistência em alugar a Granja dos Tordos: constou-me ontem que o senhor tinha dito que...

– A Granja dos Tordos é propriedade minha, meu caro senhor – atalhou ele, arreado –, e, se puder evitá-lo, não permito que ninguém me importune. Entre!

Este «entre» foi proferido entre dentes e o sentimento que exprimia era mais um «Vá para o Diabo»; até a cancela a que se arriava se quedou imóvel, insensível ao convite. Convite que, acho eu, acabei por aceitar movido pelas circunstâncias: acicatava-me a curiosidade, este homem que parecia, se possível, ainda mais reservado do que eu.

Só quando viu os peitorais do meu cavalo forçarem a cancela, é que tirou a mão do bolso e abriu o cadeado, subindo depois o trilho lamacento à minha frente, cabisbaixo. Ao chegarmos ao pátio, gritou:

– Joseph, leva o cavalo de Mr. Lockwood e traz-nos vinho.

«A criadagem está reduzida a isto, certamente», pensei eu, ao ouvir a ordem dupla. «Não admira que a erva cresça por entre o lajeado e as sebes tenham de ser podadas pelo gado.»

Joseph era um homem já de certa idade, melhor dizendo, já um velho, bastante velho até, se bem que de rija têmpera.

– Valha-me Deus! – resmungou, com voz sumida e enfadada, quando me segurou o cavalo, ao mesmo tempo que me fitava com um ar tão sofredor que eu, caridosamente, imaginei que ele devia precisar da ajuda divina para digerir o jantar e que aquele piedoso arrazoado nada tinha a ver com a minha visita inesperada.

Monte dos Vendavais é o nome da propriedade onde Mr. Heathcliff vive, nome da tradição local, só por si revelador da inclemência climática a que o lugar está exposto durante as tempestades. Ar puro e vento revigorante é coisa que não falta a quem vive lá no alto: adivinha-se a força das nortadas que varrem as cristas das penedias pela acentuada inclinação de alguns abetos raquíuticos que guarnecem as traseiras da casa e pelo modo como os espinheiros do cercado estendem os seus braços descarnados todos na mesma direcção, como se a implorarem ao sol a dádiva de uma esmola. Afortunadamente, o arquitecto teve visão suficiente para construir a casa sólida – as janelas estreitas foram escavadas fundo na pedra e as esquinas protegidas por grandes pedras em cunha.

Antes de transpor a entrada principal, detive-me a admirar as figuras grotescas que ornamentavam profusamente a fachada, con-

centradas sobretudo à volta da porta, sobre a qual, perdidos num emaranhado de grifos e meninos despudorados, consegui lobrigar uma data – 1500 – e um nome – *Hareton Earnshaw*. Bem me apetecia tecer alguns comentários e pedir ao sorumbático proprietário que me fizesse uma breve história do lugar, mas a sua atitude junto à porta parecia exigir que, das duas uma, ou entrasse sem detença ou me fosse de vez embora, e longe de mim a ideia de lhe aumentar a impaciência antes de poder apreciar o interior.

Entrámos directamente para uma sala sem passarmos por nenhum vestíbulo ou corredor – a sala comum, como aqui lhe chamam. Incluí geralmente a cozinha e a sala de estar, mas creio que no Monte dos Vendavais a cozinha teve de ser transferida para outra parte da casa; pelo menos, ouvia-se lá para dentro um grande burburinho de vozes e o bater de tachos e panelas; também não detectei na enorme lareira quaisquer vestígios de assados ou cozinhados de panela, nem vi pendurados nas paredes os reluzentes tachos de cobre ou os passadores de folha. Numa das paredes de topo, a luz e o calor das labaredas reflectiam-se em todo o seu esplendor nas grandes bandejas de estanho e nos cangirões e pichéis de prata que, em filas alternadas, subiam até às telhas dispostos num enorme louceiro de carvalho. O telhado não tinha forro, exibindo-se em toda a sua nudez aos olhares curiosos, excepto nos locais onde ficava escondido atrás de uma prateleira suspensa cheia de bolos de aveia, ou atrás de presuntos fumados, de vitela, carneiro e porco, que pendiam das traves em fiadas. Por cima da chaminé enfileiravam-se velhas escopetas já sem préstimo e um par de pistolas de arção, e, sobre o rebordo, à guisa de enfeite, três latas de chá pintadas de cores garridas. O chão era de lajes brancas e polidas. As cadeiras eram antigas, de espaldar, pintadas de verde, havendo também um ou dois cadeirões negros e pesados, semicultos na sombra. Num nicho do louceiro estava deitada uma enorme cadela de caça de pêlo avermelhado-escuro, rodeada por uma ninhada de cachorrinhos barulhentos, e havia ainda mais cães instalados noutros recantos.

A casa e a mobília nada teriam de extraordinário se pertencessem a um simples lavrador do Norte de Inglaterra, de forte com-

pleição e pernas musculosas, calções apertados nos joelhos e um belo par de polainas. Indivíduos desses, sentados nos seus cadeirões, com uma caneca de cerveja a transbordar de espuma pousada na mesa redonda à sua frente, encontram-se aos pontapés por estes montes, num raio de cinco ou seis milhas, se chegarmos na hora certa, ou seja, depois do jantar. Mr. Heathcliff, porém, contrasta singularmente com o ambiente que o rodeia e o modo como vive. É um cigano de pele escura no aspecto e um cavalheiro nos modos e no trajar, ou melhor, tão cavalheiro como tantos outros fidalgotes rurais – um pouco desmazelado talvez, sem contudo deixar que essa negligência o amesquinhe no seu porte altivo e elegante, se bem que taciturno. Alguns acusá-lo-ão de orgulho desmedido, mas eu tenho um sexto sentido que me diz que não se trata disso – instintivamente, sei que a sua reserva provém de uma aversão inata à exteriorização de sentimentos e à troca de demonstrações de afecto. É capaz de amar e de odiar com igual dissimulação e de considerar impertinência a retribuição desse ódio ou desse amor... Espera lá, estou a ir depressa de mais... Acho que lhe atribuí, com toda a liberalidade, os meus próprios atributos. Mr. Heathcliff pode ter razões completamente diferentes das que me assistem para se esquivar a apertar a mão a alguém que acaba de conhecer. O defeito é capaz de ser meu – a minha saudosa mãe costumava dizer que eu nunca havia de conhecer o conforto de um lar, e ainda o Verão passado provei ser perfeitamente indigno de o possuir.

Estava eu a saborear um mês de ameno lazer à beira-mar, quando fui apresentado à mais fascinante das criaturas – uma deusa em carne e osso – sem que ela, todavia, reparasse em mim. Nunca lhe confessei abertamente o meu amor, mas, se é verdade que os olhos falam, até um idiota teria percebido que eu estava perdidamente apaixonado. Finalmente, ela acabou por entender e devolveu-me o olhar com o olhar mais terno que se possa imaginar. E que fiz eu? É vergado ao peso da vergonha que o confesso: retraí-me timidamente como um caracol, mostrando-me mais frio e distante a cada olhar seu, até que a pobre inocente começou a duvidar do que

os seus olhos lhe diziam e, perante o vexame do erro cometido, convenceu a mãe a irem-se embora mais cedo.

Esta estranha mudança de atitude valeu-me a fama de coração empedernido, fama essa que só eu sei quão imerecida é.

Sentei-me do lado da lareira oposto àquele para onde se dirigira o meu senhorio e preenchi os momentos de silêncio que se seguiram tentando afagar o pêlo da cadela que, entretanto, abandonara a ninhada para se aproximar ameaçadoramente das minhas pernas pela retaguarda, como uma loba, de dentes arreganhados a escorrer saliva, ávidos por uma dentada.

A festa que lhe fiz teve como resposta uma rosnadela gutural e prolongada.

– É melhor não se meter com ela – rosnou Mr. Heathcliff em unísono, dando-lhe um pontapé para evitar alguma demonstração mais feroz. – Ela não está acostumada a afagos, nem é cão de estimação.

Depois dirigiu-se a passos largos para uma porta lateral e chamou de novo:

– Joseph!

Joseph respondeu qualquer coisa lá dos confins da adega, mas, como não dava sinais de subir, o patrão resolveu ir ter com ele e desapareceu pela escada abaixo, deixando-me na companhia da temível cadela e de mais dois cães ovelheiros, de pêlo hirsuto e ar de poucos amigos, que com ela ciosamente vigiavam todos os meus movimentos. Sem vontade nenhuma de entrar em contacto com as suas presas afiadas, deixei-me ficar sentado, muito quieto. Achando, porém, que eles não iam entender insultos tácitos, tive a infeliz ideia de me pôr a piscar os olhos e a fazer caretas ao trio que se postava à minha frente; nisto, algo na minha fisionomia irritou a *mada-me* a tal ponto que, num acesso de raiva, se atirou a mim. Rechacei-a para longe e apressei-me a colocar a mesa entre nós dois, expediente que enfureceu o resto da matilha; meia dúzia de adversários de quatro patas, de todos os tamanhos e idades, acorreram ao centro da sala, vindos dos mais variados esconderijos. Percebendo que os meus tornozelos e as bandas do casaco eram os seus alvos prefe-

ridos, e embora conseguisse, com algum êxito, manter os mais corpulentos à distância com a ajuda do atiçador, vi-me obrigado a gritar para que alguém me viesse ajudar a restabelecer a ordem.

Porém, tanto Mr. Heathcliff como o criado subiram as escadas da adega com humilhante fleuma. Não creio que tenham demorado um segundo menos que o habitual, apesar de se estar a desencadear à volta da lareira uma verdadeira tempestade de rosnados e latidos.

Felizmente alguém se mostrou mais lesto na cozinha; uma mulher de fartas carnes, saía arregaçada, braços nus e rosto afogueado, lançou-se para o meio da confusão de sertã em punho, servindo-se tão bem dela e da língua como armas, que a tempestade amainou como por magia e, quando o dono da casa chegou ao pé de nós, só ela restava, arfante, como o mar depois de um furacão.

– Mas que barulho dos diabos vem a ser este? – perguntou Mr. Heathcliff, olhando-me de um modo que me era difícil suportar depois de acolhimento tão pouco hospitaleiro.

– Dos diabos, diz muito bem! – ripostei. – A vara bíblica de porcos endemoninhados não podia estar possuída de espíritos piores que os destes seus animais. Isto é o mesmo que atirar um visitante para o meio de um bando de tigres!

– Eles não atacam se as pessoas não mexerem em nada – retorquiu o dono, pousando a garrafa à minha frente e voltando a colocar a mesa no seu lugar. – A obrigação deles é manterem-se vigilantes. Aceita um copo de vinho?

– Não, obrigado.

– Não lhe morderam, pois não?

– Se me tivessem mordido, o responsável levava que contar.

O semblante de Heathcliff descontraíu-se num sorriso.

– Vá lá, Mr. Lockwood! Vejo que está transtornado. Beba um pouco de vinho. As visitas são tão raras nesta casa que, estou pronto a admiti-lo, eu e os meus cães quase nem sabemos recebê-las. À sua saúde!

Retribuí o brinde com um cumprimento, começando então a perceber que seria ridículo mostrar-me ofendido com os desman-

dos de meia dúzia de cachorros; além disso, detestava a ideia de ver o homem continuar a rir-se à minha custa, já que para aí me parecia virado.

Ele, por seu turno, considerando muito sensatamente que seria desaconselhável ofender um bom inquilino, e fugindo um pouco ao seu estilo lacónico, com omissão de pronomes e verbos auxiliares, procurou um tema de conversa que a seu ver me interessasse, e pôs-se a discorrer sobre as vantagens e desvantagens do lugar que eu escolhera para me isolar do mundo.

Achei inteligente o modo como abordou os vários assuntos e, antes de me vir embora, senti-me encorajado a alvitrar uma nova visita no dia seguinte.

Ele, evidentemente, não mostrou vontade nenhuma de que a minha invasão se repetisse. Mas eu vou, mesmo assim. É espantoso como, comparado com ele, me sinto sociável.

